



**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER
LICENCIATURA EM NORMAL SUPERIOR**

CLÁUDIO MÁRCIO MENDES FERNANDES

UMA FIGURA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Rio de Janeiro

2022

CLÁUDIO MÁRCIO MENDES FERNANDES

UMA FIGURA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Normal Superior, com Habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientadora: Isis Flora Santos

Rio de Janeiro

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F3631u Fernandes, Cláudio Márcio Mendes Fernandes

Uma figura masculina na educação infantil / Cláudio Márcio Mendes Fernandes.– Rio de Janeiro: ISEPS, 2022.–
23 fl. il.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2022. Requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientador: Professora Isis Flora Santos

1. Educação infantil. 2. Formação de Professores. 3. Memória de Formação. 4. Figura masculina na Educação Infantil. I. Título. II. Orientadores. III. ISEPS. IV. Instituto Superior de Educação Pró-Saber.

CDD 372

LICENÇAS

Autorizo a publicação desse trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber ou em qualquer meio que julgue adequado, tornando lícita sua cópia total ou parcial somente para fins de estudo e/ou pesquisa.

Essa obra está licenciada sob uma Licença **Creative Commons**, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro, 22 de junho de 2022.

CLÁUDIO MÁRCIO MENDES FERNANDES

CLÁUDIO MÁRCIO MENDES FERNANDES

UMA FIGURA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Normal Superior, com Habilitação em Magistério da Educação Infantil.

ORIENTADOR

Professora Isis Flora Santos

LEITOR

Professor(a)

Rio de Janeiro

2022

Dedico toda a minha formação a DEUS, pois me deu toda a força, saúde e vida, para chegar até aqui.

Aos meus pais, Aceli Mendes Rodrigues Fernandes (em memória) e a Claudio Rodrigues Fernandes (em memória), por sempre me darem força para estudar. Em especial ao meu pai, que mesmo com muita dificuldade para enxergar e fazendo diálise, sempre me deu força para que eu continuasse os meus estudos.

A minha esposa e filha, por entenderem os momentos que não pudemos estar juntos, para que pudesse estudar.

A minha irmã e sobrinha, pois sempre que possível estiveram ao meu lado me apoiando.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a DEUS, por todas as oportunidades, por Ele ter me dado a oportunidade de estar no Pró-Saber para estudar e por estar concluindo mais uma etapa na minha vida.

À Priscila de Almeida, por ter me indicado esta instituição de educação, o Pró-Saber.

A minha família por sempre estar comigo em todos os momentos.

A todos os professores que se dedicaram em estudar, pesquisar e trazer todos os conteúdos para a minha formação, em especial, à Isis Flora, a minha orientadora de monografia.

A turma 2019, por fazer parte da minha formação, permitindo levar um pouco de cada um comigo para a minha vida.

“Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito”.
(FREIRE, P., 1996, p. 77).

RESUMO

Este trabalho traz uma reflexão sobre o meu olhar acerca do processo de aprendizagem que vivi dentro do Pró-Saber e sobre o meu lugar dentro do espaço de educação infantil. Ao rever meus escritos para construir este trabalho monográfico, percebi como fui me construindo enquanto um educador pensante, que tem opiniões e que interage com o conhecimento. Vi como o meu processo de formação até então havia sido baseado em uma visão autoritária, na qual os alunos apenas repetem as palavras do professor. Dentro do Pró-Saber percebi que posso e devo falar as minhas palavras e que enquanto educador preciso proporcionar ambientes que possibilitem esse movimento nas minhas salas de aula.

Palavras-Chave: Educação Infantil. Educador. Figura masculina. Representatividade. Aprendizagem.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 CHEGADA NO PRÓ-SABER: UM NOVO PROCESSO DE APRENDIZAGEM	11
2 A CONSTRUÇÃO DE UM PROFESSOR PENSANTE	14
3 A CONSTRUÇÃO DO MEU LUGAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL	19
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS	23

INTRODUÇÃO

Somos, enquanto pessoa humana, marcados pela incompletude, pela falta. É da falta que nasce o desejo. Porque sempre falta somos sujeitos desejantes. Porque desejamos, sentimos e constatamos a falta, a temos presente. Porque nunca estamos satisfeitos (só temporariamente...) sonhamos, temos futuro. Sem a falta não existia desejo, nem sonho, nem futuro, nem sujeito autor do destino. (FREIRE, M., 2012, p. 64).

Nasci em Duque de Caxias, mas vim morar na Tijuca aos seis anos de idade. Quando criança, tinha muita vontade de ser médico. Já na minha adolescência, por gostar muito de matemática, queria ser professor de matemática, mas no início da juventude, quis novamente fazer medicina. Como não tive uma boa formação no ensino médio, ficou difícil fazer vestibular para essa área.

Ainda jovem, comecei a dar aula particular para uma criança de oito anos. Mesmo assim, não tinha desistido e fui para a área da saúde. Fiz o curso técnico de enfermagem, o que me ajudou muito a ir para a educação, pois, quando estava terminando, fiz a disciplina de Saúde da Criança e do Adolescente e identifiquei um pouco com o que estava sendo estudado. Na época aconteceu um concurso para agente auxiliar de creche. Minha esposa me aconselhou a fazer, mas eu, a princípio, não queria. Ela insistiu até que resolvi fazer, passei, e, ao entrar, percebi que ali era o meu lugar. Hoje, não me vejo mais fora da educação, ou melhor, da educação infantil.

Ao entrar na educação infantil, senti a necessidade de ter uma formação na área, e a prefeitura também começou a nos cobrar isso. Sendo assim, fiz uma formação pela prefeitura, para ganhar uma gratificação e ter uma maior noção dessa área, mas essa formação não era suficiente para atuar profissionalmente e teria que fazer um Curso Normal Médio, Normal Superior ou Pedagogia.

Trabalho no Espaço de Desenvolvimento Infantil-EDI Igor Moraes da Silva, localizado no Alto da Boa Vista e a minha esposa, na Creche Municipal Tia Bela. Através dela, conheci a Priscila Almeida, na época observadora e,

atualmente, uma das professoras do Pró-Saber. Ela foi uma grande incentivadora, sempre falava para eu ir estudar nesta instituição. Priscila se formou no Pró-Saber e falava deste espaço com muito carinho, falava sobre o ambiente e sobre a formação.

Por trabalhar na educação, e por ter feito um curso na área da educação, pela prefeitura, já tinha uma ideia das disciplinas que teria. A minha referência de faculdade e o que eu esperava era que fosse uma faculdade que cobrasse conteúdos. Imaginei que teria que dar meu jeito para dar conta das disciplinas. Mas, no fundo, o meu desejo e expectativa eram de que fosse uma faculdade que se preocupasse com o aluno e procurasse ajudá-lo a conquistar o saber e que o apoiasse em suas dificuldades, na medida do possível, é claro.

É sobre o meu percurso que quero compartilhar com os leitores. O percurso, de um professor homem dentro do universo feminino da educação infantil. Através das minhas experiências, fui construindo essa narrativa que fala muito sobre o lugar que estou hoje e como me vejo como um desbravador para outros que possam vir. Nesta construção pude refletir e dar visibilidade às práticas que experienciei na educação infantil, além de rever minhas memórias de infância.

No primeiro capítulo, fiz uma reflexão sobre a entrada no Pró-Saber e as mudanças que nasceram em mim. No segundo capítulo, escrevo sobre a construção deste professor que começou a se formar em mim. No terceiro, procuro refletir sobre o meu lugar, o meu espaço enquanto educador infantil.

1 CHEGADA NO PRÓ-SABER: UM NOVO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Aprender é superar modelos, recriando-os, e ao mesmo tempo construindo o próprio. Superação que se constitui num longo e permanente processo de aprendizagem de imitação: copiando, reproduzindo, re(a)presentando, para depois recriar. É neste sentido que o sujeito (criança, adolescente ou adulto) faz o percurso do expectador (reproduz), do ator (representa) e só depois do autor. (FREIRE, M., 2008, p. 75).

Cheguei ao Instituto Superior de Educação (Pró-Saber), através de Priscila de Almeida¹ e me encantei com o local ao fazer a inscrição para o vestibular. O espaço é muito especial, belo, humano e harmonioso.

Ao fazer a inscrição no vestibular percebi que é uma formação em serviço, ou seja, os estudantes precisam estar trabalhando para participar do processo avaliativo que é diferenciado e todo voltado para a área da educação infantil. Consiste em uma parte escrita e em um processo de entrevista realizada por pessoas da coordenação ou direção do curso. Neste processo, é explicado o formato das aulas presenciais, das aulas aos sábados e o Memorial, feito por cada candidato, é apresentado por nós.

Cheguei ao Pró-Saber, com o pensamento de ser aluno ouvinte, absorvente, mas conforme as aulas foram acontecendo, vi que esse tipo de aluno não caberia lá, pois todos tem que entender, mudar. Todos têm voz. O professor está lá para trazer os conteúdos, as problemáticas e, durante as aulas, conforme as nossas discussões foram acontecendo, fomos construindo o nosso conhecimento, e, assim, fomos aprendendo a ouvir e a contribuir para o aprendizado e para a construção do conhecimento do outro e de todo o grupo.

Segundo Pichon-Rivière, pode-se falar em grupo quando um conjunto de pessoas movido por necessidades semelhantes se reúnem em torno de uma tarefa específica. No cumprimento de Desenvolvimento das tarefas deixam de ser um amontoado de indivíduos para cada um assumir-se como participantes de um grupo com um objetivo mútuo. Mas cada um tendo a sua identidade. (PICHON-RIVIÈRE apud FREIRE, M., 2008, p. 97).

¹Graduada em Normal Superior com ênfase em educação infantil, pós graduada em psicopedagogia, e atualmente observadora de aulas e professora, do Instituto Superior de Educação Pró-Saber.

É assim que hoje eu vejo as turmas no Pró-Saber, como espaços nos quais se constrói um grupo. Como aluno do Pró-Saber e observador da minha prática e do meu estudo, tinha uma noção de faculdade como um local em que os professores levam material, dão uma pequena explicação sobre a matéria e os alunos têm que entender os conteúdos e o que foi destacado para colocar na roda de reflexão, nas aulas.

Fui trabalhar na educação, sem ter tido nenhuma formação nesta área, e a minha prática foi se desenhando conforme eu fui trabalhando e aprendendo. Construí uma prática, mas faltava a teoria, faltava conhecer os teóricos da prática pedagógica, da filosofia e da psicopedagogia para dar apoio à minha prática na construção do conhecimento com os meus alunos.

Durante algum tempo, acreditava que a teoria não era necessária. Hoje em dia, vejo a importância do estudo e de conhecer a teoria e os respectivos teóricos. O curso Normal Superior do Pró-Saber me ajudou nesta construção e articulação da prática com a teoria. Foi e será uma junção, uma construção de conhecimento, para poder fazer o melhor em meu trabalho e dar o melhor para meus alunos.

Quando entramos no Pró-Saber, somos chamados a escrever a síntese de todas as nossas aulas. Esta construção melhora a nossa escrita, nos faz colocar no papel o que estamos aprendendo e a fazer uma reflexão sobre o processo que vivemos em nossa aprendizagem. Ao revisar meus escritos, percebi que no início fazia um resumo, só com o caminhar do curso foi que passei a escrever síntese mesmo, síntese como estudo da aula. As sínteses são cansativas de serem feitas, pois temos que expor a nossa opinião, trazer o que foi mais interessante para a gente, para os outros alunos, para o grupo.

Dessa forma, passamos a estudar, compreender e, assim, não esquecer o que estávamos estudando. Um exemplo que vivi e que mostra este estudo diário foi a realização de uma prova para a qual não havia me preparado, porque achei que era prova de outra matéria. Ao chegar, vi que a avaliação era para uma disciplina que não havia estudado. Achei que me daria mal, mas, ao receber a nota, tinha tirado 8,0. Com isso, não digo que é fácil, mas que vale à pena fazer as sínteses de cada aula, pois também compõem a nossa nota final, como nossas atividades de estudo.

Em todas as aulas temos os pontos de observação, que são um meio de aprendermos e praticarmos a avaliação. São três tipos de pontos de observação: o da aprendizagem, o do grupo e o da coordenação. O ponto de observação da aprendizagem acontece em todas as aulas, todos os alunos fazem uma reflexão sobre o que aprenderam naquele aula; o professor faz um questionamento no início da aula e ao término, cada aluno avalia conforme o questionamento feito sobre a sua aprendizagem na aula.

O ponto de observação do grupo é feito por um aluno escolhido para observar e fazer a avaliação do grupo que está em aula naquele dia, conforme o questionamento do professor e o comportamento do grupo. Neste caso, fazemos uma observação em especial sobre cada aluno.

O ponto de observação da coordenação também é feito por um aluno escolhido pelo professor, conforme o questionamento que ele fizer no início da aula e conforme o seu ensinar.

Durante a minha formação, não senti dificuldade na escrita do meu processo de aprendizagem, mas ao escrever sobre o grupo e a coordenação sentia medo. Logo no início, torcia para não ser escolhido. Não vou dizer que passei a torcer para ser escolhido, mas ficou mais tranquilo. Com esses pontos de observação, aprendi a fazer avaliação. Sempre tivemos professores prontos a nos ensinar e explicar. Se não estavam tão de acordo com o que o aluno escreveu, logo nos questionavam se não teria sido diferente. Esse diálogo acontecia até chegar a um consenso com o aluno que estava responsável pelo ponto. Aprendemos muito sobre o processo de ensinar, aprender e avaliar.

2 A CONSTRUÇÃO DE UM PROFESSOR PENSAnte

Encontro

A cada encontro: o imprevisível.

A cada interrupção da rotina: algo inusitado.

A cada elemento novo: surpresas.

A cada elemento já parecidamente conhecido: desconhecimento.

A cada encontro: um novo desafio, mesmo que supostamente já vivido.

A cada tempo: novo parto, novo compromisso.

A cada conflito: nova faceta insuspeitável.

A cada aula: descobrimento de terras ainda não desbravejadas.

A cada aula uma aventura.

A cada aula uma revelação.

A cada aula uma perplexidade.

Cada aula um caminho na busca de mim mesma.

Cada aula um nascimento com o outro.

(FREIRE, M., 2008, p. 154).

Aprendi a ser um aluno com voz no Pró-Saber, por isso, procuro, em minha prática, abrir espaço para escutar os alunos que passam por mim. Dessa forma, eles aprendem comigo, eu aprendo com eles, aprendo com os meus colegas de turma e eles comigo.

Com a Professora Heloísa Protásio, estudamos a concepção de ser cognoscente presente na teoria de Maria Cecília Almeida e Silva (2010, p. 34) em que o “ser cognoscente é um ser social contextualizado”. Aprendemos que o ser pensante está em busca da construção do conhecimento e que ele é composto por dimensões, são elas: a desiderativa, a racional e a social. “A dimensão desiderativa é constituinte no processo de construção do conhecimento na medida em que o ser cognoscente é determinado por um saber que ele não conhece, por um saber do qual ele não tem consciência” (ALMEIDA E SILVA, 2010, p. 39). Ou seja, ela traz o princípio do desejo, a paixão.

“A dimensão racional é constitutiva no processo de construção do conhecimento, na medida em que o ser cognoscente, através de sua ação sobre o meio, constrói suas próprias estruturas no prolongamento desta ação interiorizada.” (ALMEIDA E SILVA, 2010, p. 36). É o que se vive, a realidade; são os conceitos estudados, formados.

Já a dimensão relacional interpessoal “é constituinte no processo de construção do conhecimento na medida em que o ser cognoscente é

determinado pelas relações que estabelece com outros sujeitos.”(ALMEIDA E SILVA, 2010, p. 35). Esta consiste na socialização em grupo, em viver em sociedade.

Estudar as dimensões do ser cognoscente me fez olhar para mim e para a turma de uma forma diferente. Como afirma Almeida e Silva (2010, p. 49), temos “um núcleo organizador que chamamos o eu cognoscente. Esse eu é o intermediário entre desejo e razão.” Revisitar as aulas da Heloísa, para escrever este trabalho me fez olhar todo o processo de construção do conhecimento da nossa turma. A construção do grupo foi bem trabalhada e conceituada durante as nossas aulas. Revisitar a nossa prática, a nossa vivência faz parte da formação em uma concepção democrática, em que todos dentro de sala tem voz, todos tem algum conhecimento sobre o assunto discutido. Todos estão em processo de construção de conhecimento.

Reverendo as nossas aulas de atividades culturais, relembro através dos meus escritos as atividades que envolveram todos da turma. Um ponto importante de destacar é que o grupo vai junto para o evento cultural, ninguém vai sozinho. A primeira atividade cultural feita por minha turma foi a ida ao Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Lá assistimos ao Grupo Corpo, que para praticamente toda a turma, foi espetacular. O Teatro Municipal não era visto como um lugar em que podíamos estar, por mais que seja um local público, não era um local em que acreditássemos poder entrar. Achávamos que não tínhamos condições e nem poder aquisitivo para entrar neste espaço cultural.

Em uma outra aula, tivemos a apresentação da Laira e da Jennifer dançando carimbó, com música e vestimentas típicas do Pará. Poder ver nossas colegas de turma apresentando um pouco da cultura do Pará nos trouxe a reflexão de que todos podemos e que temos muito a partilhar das nossas vivências e culturas.

Fomos ao Instituto Moreira Salles do Rio de Janeiro, lá apreciamos uma exposição de 209 fotos de Claudia Andujar, do povo indígena Yanomami, que está ameaçado de extinção. Conhecemos um pouco da cultura indígena. Após a palestra dada para nossa turma, Lúcia Moraes Tucuju, do povo Kumarumã e ex-aluna do Pró-Saber, descobri que cada região do nosso país tem uma mudança cultural muito grande e que cada povo indígena é um povo, que tem sua própria cultura e cada um é único,

Fizemos uma feira cultural gastronômica, pois a turma de 2019.2, é uma turma que tem alunos de praticamente todas as regiões do Brasil. Cada aluno trouxe um alimento de sua região e compartilhamos informações sobre o alimento. Com isso, toda a turma conheceu um pouquinho da história gastronômica das regiões do nosso país.

Os anos de 2020 e 2021, foram anos muito difíceis, por causa da pandemia do covid-19. As aulas da graduação no Pró-Saber eram presenciais e para evitar o contágio foram suspensas. Mas, não ficamos muito tempo sem aula, o Pró-Saber se reinventou e se antes os celulares não entravam em sala de aula, a partir daquele momento passaram a ser parceiros de estudo. Por incrível que pareça, começamos as nossas aulas online pelo *WhatsApp*, e depois fomos para o *Google Meet*. Aprendemos que o professor tem que estar preparado para o inédito e, assim torná-lo viável. Precisamos cuidar de registrar a construção do saber, individual e coletivo, para que a experiência vivida não seja esquecida.

Melissa, em uma das aulas de Alfabetização Cultural, nos falou que a cultura é a origem de um ser, que tem a sua história, por conseguinte, tem a história de sua família, até chegar a história de um lugar, de uma região, intervindo na história de cada ser que está sendo formado e assim formando a memória cultural ou a cultura de cada região.

Relendo esses escritos, me lembro de um livro, que foi narrado por Liana Castro, numa aula de Oficina de Leitura e Escrita. O livro “Da minha janela”, de Otávio Júnior, é uma maneira poética de contar a vivência dentro de uma favela. A ilustração da capa me fez lembrar as palavras de Melissa. Essa história é sobre uma pessoa parada em sua janela, olhando para fora. Cada família tem a sua cultura e essa pessoa observava a cultura de toda a favela.

A cada aula, eu me percebia como um ser pensante, fazendo reflexões e ganhando coragem para expor minhas ideias, exemplos, dúvidas e contribuições. A minha voz aparecia nas aulas e também na escrita das sínteses das aulas.

Em outra aula da Melissa, lemos um texto em sala e conhecemos Luiz Câmara Cascudo, que foi um folclorista, historiador, antropólogo, advogado e jornalista brasileiro. Ele se tornou um dos maiores pesquisadores da cultura

brasileira, publicando uma vasta biografia sobre o assunto e um dicionário do folclore brasileiro. Ele foi eleito "Santo São Cascudo - Padroeiro da Tradição". Segundo neste processo sobre saberes populares e culturais, contamos em roda alguns mitos e lendas que conhecíamos. Eu cheguei a contar uns dois casos, que escutava meu pai contar e que recontava por já ter escutado de seu pai, meu avô..

Uma das nossas atividades consistiu em tirar uma foto da nossa janela ou da nossa porta e tínhamos que escrever um texto poético sobre o que havíamos registrado. Eu tirei uma foto de toda a mata e todo o verde que vejo da minha porta. O texto que escrevi foi:

Muitos me dizem, que o lugar que moro, é ruim de se morar, por não morar na beira da rua. Mas esse lugar para mim é muito bom, o acesso não é fácil, mas ao chegar compensa tudo, é muita mata, muito verde, muita vida. Moro no interior, num sítio, mas no meio da cidade, tenho frutas que pego no pé, tenho ovos que colho no ninho, vejo pintinhos nascerem e crescerem, quanta vida, agradeço a Deus por tudo o que eu tenho, bem no meio da cidade do Rio de Janeiro. (FERNANDES, 2020).²

Escutava cada trecho lido pelas minhas colegas e ia me encantando com tantas vozes que ganhavam espaço dentro do Pró-Saber. Nossas casas, nossos lugares, que antes ficavam restritos a nossa experiência, passaram a ganhar espaço dentro desta instituição.

Continuamos olhando o nosso entorno e vendo nossas vozes reverberando nesse espaço tão especial. Com base no documentário "De braços abertos", de Bel Noronha, Melissa pediu para que escolhêssemos alguém da comunidade que moramos ou que trabalhamos, e que de alguma maneira trouxesse cultura para a comunidade. Depois ela nos dividiu em duplas e, juntos, formulamos as perguntas que faríamos para as pessoas escolhidas. Em seguida, fomos entrevistá-las e depois apresentamos para a turma.

Para vermos que a cultura está em todos os lugares e pode ser levada para todos os lugares, assistimos ao vídeo "Nós do Morro - A vida levada pela arte - Petrobras". Para compor uma de nossas atividades, trouxe para a aula uma imagem da pedra da Gávea. Através de pesquisas das atividades culturais que acontecem próximas das nossas casas, ou na região em que moramos,

² Alfabetização Cultural em 7 ago. 2020, na Graduação em Normal Superior do Instituto Superior de Educação Pró-Saber.

podemos compartilhar nossas descobertas. Entendi com tudo isso, o valor e o lugar da cultura que acontece próximo dos nossos lares e da necessidade que nós, educadores, temos de levar para as nossas salas de aula, a cultura do local onde as crianças estão inseridas e a cultura da região na qual a escola está inserida.

3 A CONSTRUÇÃO DO MEU LUGAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

“Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito”.
(FREIRE, P., 1996, p. 77)

Ao longo da minha experiência, por todos os lugares em que passei, percebi que a representatividade de educadores homens dentro da Educação Infantil é muito pequena. Passei por quatro escolas municipais e pude ver a mesma situação, a mesma realidade. A maior parte do grupo que compõe o quadro de educadores são figuras femininas. Ao entrar na graduação do Pró-Saber, percebi essa mesma tendência. Na minha turma eram trinta e duas alunas e apenas 2 alunos.

No meu trabalho e ao longo da minha formação, sempre me esforcei para ter o meu lugar respeitado nos espaços em que estava atuando e estudando. Em todos os lugares em que passei, consegui ter essa garantia, além de manter um bom relacionamento com todos.

Ao longo do curso, estudamos a história da educação no Brasil. A partir de 1930, por questões econômicas, sociais e saúde, as mulheres começaram a entrar no mercado de trabalho e não tinham com quem deixar seus filhos. Para acolher essas crianças, começaram a ser construídas creches em um formato assistencialista, com as senhoras da comunidade indo trabalhar nas creches, cuidando dos bebês. A partir de 1960, as creches começaram a ser pensadas como constituindo o início da educação, mas ainda com uma visão assistencialista.

Foi com a Constituição de 1988, que a educação das crianças pequenas passou ser um direito da família e dever do estado. O ano de 1996, foi um marco para a educação, pois foi criada a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) A partir dessa lei, os profissionais da educação passaram a ter mais investimentos para trabalhar, e a formação que atendesse as exigências e especificidades da profissão passou a ser obrigatória.

Outro ponto importante a ser destacado foi que, antes do ano de 2001, na cidade do Rio de Janeiro, as creches eram vinculadas à Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (SMDS). Foi só a partir deste ano (2001)

que as creches e unidades de Educação Infantil foram incorporadas pela Secretaria Municipal de Educação (SME).

Em 2008, aconteceu o primeiro concurso municipal para trabalhar em creche, para o cargo de Agente Auxiliar de Creche (AAC), e atual Agente de Educação Infantil (AEI). A abertura deste concurso proporcionou uma maior diversidade no quadro de funcionários e possibilitou a entrada da figura masculina dentro de um universo, até então puramente feminino. Este foi o meu caso. Entrei em setembro de 2012, no município do Rio de Janeiro para trabalhar como agente auxiliar de creche (AAC). Com a mudança de nomenclatura, hoje este cargo se chama, agente de educação infantil (AEI). Vejo que os homens atuarem na Educação Infantil ainda é um movimento tímido, mas que só foi possível com a realização de concursos públicos.

Talvez não exista tanto material sobre a presença da figura masculina na Educação Infantil, pois essa realidade é recente e por isso mesmo é importante abordá-la, pois creio que muitos homens desejem trabalhar nesta área, mas não se sentem tão à vontade. Destaco a pesquisa realizada por uma de nossas professoras, Alexandra Pena (2019). É uma quebra de tabu, de preconceito, tanto por parte dos educadores como, principalmente, dos responsáveis. Acredito que contar minha história poderá ser um motivador para ajudar outros a tomarem essa decisão.

Precisamos refletir também sobre a importância da figura masculina dentro das unidades de Educação Infantil para as crianças. Este convívio pode contribuir para ampliar a percepção da figura masculina como capaz de cuidar e educar crianças pequenas.

Há uns dias atrás, estava trabalhando e a nutricionista do posto de saúde esteve na sala. Mesmo ela já tendo trabalhado na educação infantil, me perguntou: "Como é ser homem e trabalhar na educação infantil?" A minha resposta no momento foi: ser firme, sensível e delicado. Mas agora digo ainda mais: seja homem ou mulher, na educação infantil, tem que ser educador.

A pouca representatividade do masculino dentro das salas de aula não é restrita apenas às turmas de educação infantil, está presente também nas formações de Normal Médio, Normal Superior e na Pedagogia.

A minha esposa, Elisangela dos Reis Felício Fernandes, que é formada em pedagogia pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro, me contou que só

teve dois professores homens em sua formação durante toda sua graduação: um de Sociologia da Educação e o outro de Matemática.

Na minha formação no Instituto Superior de Educação Pró-Saber, tive apenas um professor, Pedro Bonfim, que nos deu, as disciplinas de Ciências Sociais e Seus Marcos, ética e política. Foi bom ter um homem nos dando aula. Pude me ver representado neste espaço de aprendizagem. Creio que será interessante, ter mais professores homens também nas formações de professores.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi importante para eu resgatar todo o meu processo de formação que aconteceu neste curso. A metodologia utilizada no Normal Superior fez com que eu construísse em mim um processo de ensino aprendizagem capaz de levar as crianças a refletir, questionar e a falar suas opiniões. Hoje me vejo como um educador muito mais capaz de escutar as crianças.

Durante a formação os professores com quem convivi despertaram em mim o desejo de ser um educador-pesquisador capaz de envolver os alunos nas construções de conhecimento, olhando o saber de cada um como um saber importante para a construção coletiva.

Neste texto, eu iniciei uma reflexão sobre a necessidade de trazer a figura masculina para dentro das salas de aula da Educação Infantil. Este tema continuará no meu pensamento, guiará minhas leituras e o meu estudo. Trazer a reflexão sobre a quebra de um tabu, que persiste há tanto tempo, será importante para que possamos ter uma educação mais humana e qualitativa na Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA E SILVA, Maria Cecília. **Psicopedagogia: a busca de uma fundamentação teórica**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724:2011** – Informação e documentação – Trabalhos acadêmicos – Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2011.

FERNANDES, Cláudio Márcio Mendes. **Síntese: Alfabetização Cultural**. Rio de Janeiro: ISEPS, 2020. (mimeo).

FREIRE, Madalena. **Educador educa a dor**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Madalena. **Sobre os instrumentos metodológicos na concepção democrática de educação**. Rio de Janeiro: Comunidade Pró-Saber, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PENA, Alexandra. Diálogo, encontro e agir ético: a contribuição das histórias de vida para a formação. In: KRAMER, Sonia; PENA, Alexandra; TOLEDO, Leonor; BARBOSA, Silvia Neli (Orgs.) In: **Ética: pesquisa e práticas com crianças na Educação Infantil**. Campinas, SP: Papirus, 2019.